



EDUCAÇÃO RURAL E A HIGIENE DO SERTANEJO: OS CAMINHOS DA RURALIZAÇÃO DO ENSINO EM GOIÁS (1946)

RURAL EDUCATION AND HYGIENE OF THE COUNTRYSIDE: THE PATHS OF RURALIZATION OF EDUCATION IN GOIÁS (1946)

ÉDER MENDES DE PAULA

<https://orcid.org/0000-0001-5004-734X>

Doutor em História pela UFG

Professor Adjunto da UFJ

edermendes@ufj.edu.br

PEDRO HENRIQUE DE MELO SILVA

Graduado em História pela UFJ

pedromelohistoria@gmail.com

RESUMO

A pesquisa examina a relação entre elementos rurais, higiene sertaneja e educação no contexto de Goiás ao longo do século XX. Destaca-se a influência de ideias de eugenia e modernidade nas políticas educacionais e sanitárias, evidenciadas nas edições da Revista de Educação e Saúde de 1946. A revista focava na formação de professores, educação rural e práticas higiênicas, refletindo esforços para modernizar a imagem do homem sertanejo. Monteiro Lobato, com o personagem Jeca Tatu, e discursos políticos, como os de Rui Barbosa, reforçaram a necessidade de educar e modernizar o homem rural para o progresso nacional. Iniciativas médicas e políticas públicas buscavam transformar a saúde e educação no campo, promovendo um ideal de regeneração e desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: Eugenia; Educação; Ruralização.

ABSTRACT

The research examines the relationship between rural elements, sertaneja hygiene, and education in the context of Goiás throughout the 20th century. It highlights the influence of ideas of eugenics and modernity on educational and sanitary policies, as evidenced in the 1946 editions of the Education and Health Magazine. The magazine focused on teacher training, rural education, and hygienic practices, reflecting efforts to modernize the image of the sertanejo man. Monteiro Lobato, with the character Jeca Tatu, and political discourses, such as those of Rui Barbosa, reinforced the need to educate and modernize the rural man for national progress. Medical initiatives and



public policies aimed to transform health and education in the countryside, promoting an ideal of regeneration and development.

KEYWORDS: Eugenics; Education; Ruralization

Introdução

A relação entre elementos rurais, higiene sertaneja e educação no contexto goiano revela uma complexa interação que moldou o ambiente educacional rural de Goiás ao longo do século XX. Ao investigar essa relação, observa-se que as ideias de eugenia e modernidade desempenharam um papel fundamental na formação das políticas educacionais e sanitárias da região. A presença constante dessas temáticas nas edições da Revista de Educação e Saúde de 1946 reflete um esforço contínuo para discutir e implementar mudanças significativas no campo educacional e sanitário.

A análise das edições da revista de fevereiro, março, junho, julho, agosto e setembro de 1946 demonstra um foco consistente em temas como a formação de professores, a educação rural e a higiene. Esses tópicos não apenas destacam a preocupação com a qualidade da educação, mas também revelam uma tentativa de transformar a imagem do homem sertanejo, frequentemente associado à figura do "caipira" ou "Jeca Tatu", símbolo de atraso e abandono.

No imaginário coletivo, Goiás era vista como uma região de decadência e falta de progresso, uma visão que estava intimamente ligada à representação do homem do campo. Monteiro Lobato, através de seu personagem Jeca Tatu, retratava essa figura como um reflexo do povo brasileiro afastado da civilização e resistente ao progresso. Tal visão foi corroborada por discursos políticos, como o de Rui Barbosa, que reforçava a necessidade de educar e modernizar o homem rural para impulsionar o desenvolvimento nacional.

O vínculo entre eugenia e modernidade emerge como uma força motriz por trás das políticas públicas de saúde e educação. Os eugenistas acreditavam que o progresso do Brasil dependia de medidas sanitárias que melhorassem a condição do homem



goiano, considerado preguiçoso e doente. A popularização dessas ideias influenciou diretamente a forma como a educação rural foi concebida, com a promoção de práticas higiênicas e a implementação de programas educativos voltados para a transformação do homem do campo.

Monteiro Lobato, ao transformar Jeca Tatu em um símbolo de regeneração através da educação e da saúde, exemplificava o ideal eugenista de criar um homem rural produtivo e saudável. Esse ideal era refletido nas iniciativas de médicos sanitaristas e nas políticas promovidas pela Liga Pró-Saneamento, que visavam erradicar doenças e melhorar as condições de vida nas áreas rurais.

As edições da Revista de Educação e Saúde de 1946 revelam um cenário em que a educação rural é central para o projeto de modernização do Brasil. Debates sobre a formação de professores, a necessidade de atividades extracurriculares e a ruralização do ensino mostram um esforço contínuo para adaptar a educação às necessidades do campo. Além disso, a promoção de práticas higiênicas e a prevenção de doenças eram vistas como essenciais para transformar a imagem do homem sertanejo e promover o progresso.

Desenvolvimento

Este tópico aponta para uma investigação sobre a interação entre elementos rurais, higiene sertaneja e educação no contexto goiano. Ao explorar a relação entre eugenia e modernidade nesse cenário, percebe-se que essas ideias desempenharam um papel fundamental na formação do ambiente educacional rural em Goiás. Este papel é evidenciado pelo debate consistente dessas temáticas em todas as três edições do ano de 1946 na Revista de Educação e Saúde. Revelado no Quadro a seguir:

QUADRO 4
Unidades temáticas nas Revistas de Educação e Saúde (1946)
Edição: Nº. 23/24 – Fevereiro e Março – 1946.
Redatoriais:



HOMENAGEM A S.EXCIA. O NOVO INTERVENTOR FEDERAL DO ESTADO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE TEM NOVO TITULAR
IMPrensa PEDAGÓGICA
Assuntos Pedagógicos:
O PROBLEMA DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR
ESCOLA NORMAL
O PROBLEMA DO ENSINO DO NORTE DO ESTADO
LITERATURA INFANTIL
Filologia e História:
GOIÁS OU GOIAZ?
Educação Sanitária:
HIGIENE PRÉ-NATAL. VALOR MÉDICO E SOCIAL
BRINQUEDOS E DIVERTIMENTOS
ANOTAÇÕES SOBRE A LEPROSA
Assuntos Instrutivos:
A BOMBA ATÔMICA E OS SINAIS PERTURBADORES DAS COMUNICAÇÕES
Discursos de Paraninfos:
PADRE ANTÔNIO WASIK E PROF. FLORACI ARTIAGA MENDES
SECCÕES PERMANENTES:
Fatos e iniciativas – Atividades Escolares – Notícias de Arte e Cultura - Variedades educacionais e educativas – Para as festas escolares – Caixa de Correspondência - – Legislação Escolar -
Edição: Nº. 27/28 – Junho e Julho – 1946
Redatoriais:
GRANDES VULTOS DA EDUCAÇÃO EM GOIAZ
ANIVERSÁRIO DA REVISTA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
26 DE JULHO
Assuntos Pedagógicos:
EDUCAÇÃO RURAL
O CREPÚSCULO DA BONDADE
NECESSIDADE DAS ATIVIDADES EXTRA-PROGRAMA
AMOR AO MÁGISTÉRIO
História da Educação em Goiás:
O CENTENÁRIO DO LICEU EM GOIAZ
Filologia e História:



GOIAZ A UM SÉCULO
UMA PAZ DURADOURA EM UM HERÓI ESQUECIDO
Educação Sanitária:
PROTEÇÃO A MATERNIDADE E A INFÂNCIA
PROTEÇÃO A INFÂNCIA
Assuntos Instrutivos:
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS QUANTIDADES NEGATIVAS
SECÇÕES PERMANTENTES :
Fatos e iniciativas – Atividades Escolares – Notícias de Arte e Cultura - Variedades educacionais e educativas – Para as festas escolares – Caixa de Correspondência - – Legislação Escolar -
Edição: N.º 29/30 – Agosto e Setembro – 1946
Redatoriais:
PALAVRAS DO PRESIDENTE DUTRA
PÁTRIA
O DIA DA PÁTRIA EM GOIÂNIA
Assuntos Pedagógicos:
PROFESSORAS EM FACE DO MUNDO FUTURO
CAMPANHAS DE ALFABETIZAÇÃO
COMPOSIÇÃO NO CURSO PRIMÁRIO
A RURALIZAÇÃO DO ENSINO
História da Educação em Goiaz:
INSTRUÇÃO EM BONFIM
Comemoração da Semana da Árvore:
JARDINAGEM
PROTEÇÃO AS FLORESTAS
O CÓDIGO FLORESTAL NA ESCOLA
A NECESSIDADE DO REFLORESTAMENTO
Educação Sanitária:
DADOS HISTORICOS SOBRE A CAMPANHA CONTRA A LEPRA EM GOIAZ
A ALIMENTAÇÃO DO PRÉ-ESCOLAR
Assuntos Instrutivos:
OUTRA MUDANÇA!
QUESTÕES DE PORTUGUES
Discurso de Paraninfo:



O MOMENTO É DA TÉCNICA

SECÇÕES PERMANTENTES :

Fatos e iniciativas – Consultas didáticas – Atividades Escolares - Variedades educacionais e educativas –
Página da Saudade –Legislação de Saúde – Legislação Escolar – Ineditoriais.

Fonte: Produção Nossa

Através do quadro é possível verificar um debate em torno da questão agrária e da educação rural, na qual as propostas pedagógicas passam a ter como objeto principal o espaço campestre. Contudo, é crucial definirmos a representação do homem do campo dentro desse imaginário. Essa descrição é fundamental para compreendermos sua inserção nesse projeto educacional e o impacto desse debate na construção da imagem do homem sertanejo, caracterizado como caipira e associado ao estado de abandono.

A imagem de Goiás como uma região associada à decadência, solidão e falta de progresso está ligada à figura do homem sertanejo ou caipira, simbolizado por Jeca Tatu e esteve presente na historiografia goiana por algum tempo. De acordo com Monteiro Lobato, Jeca representa um retrato do povo brasileiro afastado da civilização e resistente ao progresso.

Ademais, é importante considerar a ligação da eugenia com o debate sobre a modernidade. A ciência, nesse contexto, era usada como política de estado, intervindo no corpo social. Os eugenistas acreditavam que o progresso do Brasil, incluindo Goiás, dependia de medidas sanitaristas que melhorassem a condição do homem goiano, visto como preguiçoso, fraco e doente, contribuindo para o atraso do estado.

Consequentemente com a popularização do personagem criado por Monteiro Lobato, Rui Barbosa, candidato à presidência em 1919, faz menção a Jeca Tatu em 1919: “solta Pedro I o grito do Ipiranga; e o caboclo em cócoras. Vem, com o 13 de maio, a libertação dos escravos; e o caboclo, de cócoras. Derriba o 15 de novembro um trono, erguendo uma república; e o caboclo de acocorado” (Barbosa, 1919, p 367).

Desse modo, o discurso de Rui Barbosa, ao mencionar Jeca Tatu, retrata o homem do campo como alguém aparentemente inativo diante de momentos cruciais na história do Brasil. A mensagem transmitida é que, enquanto o país passa por mudanças



significativas, como o término da colônia, da escravidão e da monarquia, o homem do campo, representado por Jeca Tatu, parece não se envolver ativamente, permanecendo em uma postura de passividade. Sendo assim, Rui Barbosa faz uma contribuição na Revista de Educação e Saúde, sobre a “Questão do Ensino”, no qual o discurso parlamentar, relata que ao ver do governo é:

[...] a chave misteriosa das desgraças que nos afligem é esta e só esta: a ignorância popular, mãe da servilidade e da miséria. Eis a grande ameaça contra a existência constitucional e livre da nação; eis o formidável inimigo, o inimigo intestino, que se asila nas entranhas do país. Para o vencer, releva instaurarmos o grande serviço da "defesa nacional contra a ignorância", serviço a cuja frente incumbe ao parlamento a missão de colocar-se, impondo intransigentemente à tibieza dos nossos governos o cumprimento do seu supremo dever para com a Pátria. (Barbosa, 1946, p.21).

Nesta perspectiva, a educação é apresentada como um mecanismo para reaproximar o homem à higiene como ferramenta para evitar a fraqueza, expulsar doenças e garantir a evolução do Jeca. A ideia é que, assim como aconteceu com o personagem de Monteiro Lobato, o contato com a Ensino Rural permitiria os sertanejos por meio de medidas pedagógicas, transformar o Homem do Campo (Jeca tatu) em um Homem Civilizado (Jeca-Tatuzinho). Para Lobato:

Jéca Tatú era um pobre caboclo que morava no matto, numa casinha de palha. Vivía numa completa pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de varios filhinhos, pallidos e tristes. [...] o Jéca Tatú queria era beber sua pinguinha e espichar-se ao sol, no terreiro. Alli ficava horas, com o cachorrinho ao lado, ou ao collo, cochilando. A vida que rodasse, o matto que crescesse na roça, a casa que cahisse. Jéca não queria saber de nada. Isso de trabalhar não era com elle. [...] Um dia passou por sua casa um doutor e, como ameaçasse chuva, o homem resolveu abrigar-se na casa de Jéca. Pediu licença, entrou e abriu a bocca diante da miseria da casa. Depois, prestando atenção no Jéca, e vendo como era pallido e magro, resolveu examinal-o. Acabando o exame, o doutor disse: Amigo Jéca, sabe você o que você tem é doença? Jéca concordou: Póde ser. Eu sinto uma canceira que não tem fim, e dor de cabeça, e uma pontada aqui no peito que responde na cacunda... Pois é. Você é um doente. Toda a gente xinga você de preguiçoso, mas você não passa de um doente. Você está opilado. Soffre de anquilostomiase. Anki... o quê? exclamou Jéca, arregalando o olho. Soffre de amarellão, entende?... (Lobato, 1924, p. 4-12).

Na história de Monteiro Lobato, o médico trata da doença de Jeca, e é nesse



momento que ocorre uma grande transformação em sua vida:

Suas roças agora dava gosto ver. Comprou arados e bois, e não plantava nada sem primeiro afofar a terra... O resultado foi que os milhos vinham lindos e o feijão era uma beleza. E Jéca não plantava rocinhas vagabundas, como antigamente. Só queria saber de roças grandes, de roças cada vez maiores, de roças que fizessem inveja no bairro. (Lobato, 1924, p. 22)

Neste contexto, a manchete redigida pelo Dr. Ranier de Paula (1946), médico sanitário do departamento de saúde pública, destaca que, devido à vasta extensão territorial do Brasil, há uma propensão significativa para o desenvolvimento de certas infecções e parasitoses tropicais. Especificamente, ele aborda a “Malária e a Ancilostomose”, explicando como essas doenças se manifestam e são comuns no “hinterland”¹, onde as condições sanitárias são deficientes” (Paula, 1946, p. 60).

No entanto, ele destaca que a prevenção, a educação sobre saúde e a prática de hábitos higiênicos poderiam resolver esses problemas. É crucial observar que o médico sugere que, por meio dessas medidas, “conseguiríamos desse modo um incremento na atividade de nosso ‘caboclo’, que deixaria de ser um homem indolente devido à opilação, um impaludado, para se tornar enfim um indivíduo dinâmico capaz de grandes realizações em seu setor” (Paula, 1946, p. 61).

Resumindo, na história de Lobato, Jeca Tatu enriquece, aprende inglês, moderniza sua fazenda com equipamentos tecnológicos e decide ajudar os outros, abrindo postos de saúde para tratar a vizinhança e prevenir as doenças que o tornavam preguiçoso. Em consonância, a Revista de Educação e Saúde (N.º 29/30 – Agosto e Setembro – 1946) relata que professoras do grupo escolar de Cristalina fundavam o pelotão de saúde Miguel Couto, com o propósito de amparar a juventude e contribuir para o engrandecimento da mocidade dessa região. No final, Jeca Tatu morre aos 89 anos, satisfeito com todas as realizações. Monteiro Lobato conclui:

¹ Região ou conjunto de regiões afastadas das grandes áreas urbanas, metropolitanas ou Conjunto de terras que se situa no interior.



Nunca te esqueças desta historia; e, quando fores homem, trata de imitar o Jéca. Se fores fazendeiro como teu pae, trata de curar teus camaradas. Além de lhes fazeres um grande beneficio, farás para ti um alto negocio. Verás que o trabalho dessa gente produzirá tres vezes mais e te enriquecerá muito mais depressa. Um paiz não vale pelo tamanho nem pelo numero dos seus habitantes. Vale pelo trabalho que realiza e pela qualidade da sua gente. Ora, ter saude, é a grande qualidade de um povo. Tudo mais vem d'ahi. E a mãe da saude chama-se Dona Hygiene. (Lobato, 1924, p. 32).

Monteiro Lobato destaca a importância da saúde, vinculando-a diretamente ao trabalho e ao desenvolvimento do país. Ao vincular essa citação à realidade dos brasileiros que vivem no interior do país, podemos interpretar que Lobato está enfatizando a necessidade urgente de políticas de saúde em todo território nacional. Ele destaca que a saúde é a grande qualidade de um povo, indicando que a força de trabalho e o desenvolvimento econômico dependem diretamente desse aspecto. Da mesma forma que Jeca Tatu transformou sua vida sob a influência de um médico, Monteiro Lobato também mudou sua visão após entrar em contato com o trabalho de médicos sanitaristas.

Nesse viés, Leonardo Dallacqua evidencia que:

[...] nomes da ciência nacional como Oswaldo Cruz, Carlos Chagas (1879-1934) e Artur Neiva (1880-1943), Belisário Penna fez parte de diversas expedições científicas. Viajando independente ou sob a chancela de Manguinhos, visitou todas as regiões do país, permitindo-lhe uma visão geral do quadro sanitário brasileiro. Sua atuação como médico nas expedições possibilitou uma interpretação das necessidades urgentes das populações interioranas tendo em vista o seu estado de abandono pelo poder público. Como menciona Nísia Trindade Lima (1999), essa leitura de país transformou médicos como Penna em “sociólogos por acaso” ao defrontar com situações em que o analfabetismo, o alcoolismo e as doenças eram dominantes entre a população brasileira para além dos grandes centros urbanos. (Carvalho, 2021, p. 880)

Entretanto, quando Lobato faz referência à "mãe da saúde" como "Dona Hygiene" enfatiza a importância da higiene e da prevenção de doenças. Considerando a realidade das zonas rurais, onde as condições sanitárias muitas vezes são inviáveis, a implementação urgente de políticas de saúde seria crucial para melhorar o homem sertanejo, aumentando sua produtividade e, conseqüentemente, contribuindo para o



progresso do país como um todo. Essa perspectiva ressalta o valor do investimento em saúde como uma estratégia fundamental para o desenvolvimento nacional. Dallacqua complementa:

Assim surgia um projeto nacional-reformista pela via da saúde pública, mais precisamente pelo que nomeou de “consciência sanitária”. Em síntese, se o poder público adotasse uma política centralizadora de saúde pública, pensando coletivamente, haveria a possibilidade de unificação e o despertar de um “sentimento de nacionalidade”. Para Penna, o resultado dessa ação engendraria uma “raça brasileira” homogênea e totalmente integrada aos países ditos civilizados. (Carvalho, 2021, p. 880).

A fundamentação do pensamento sanitarista no estereótipo do homem sertanejo/caipira tornou-se evidente durante as expedições dos médicos. A partir do diagnóstico da realidade dos brasileiros no interior do país, surgiu uma pronta defesa por reformas nas políticas de saúde e educação. Essa abordagem visava transformar o Brasil e sua população, estabelecendo uma conexão direta entre as percepções dos médicos e a necessidade de mudanças estruturais.

Para Leonardo Dallacqua foi nessa conjuntura, que o médico sanitarista Belisário Penna aspirava à criação da Liga Pró-Saneamento em 1918, cujo caráter nacionalista voltado para a saúde pública seria considerado como a porta de entrada do Brasil para a civilização. (Carvalho, 2021). Segundo Ricardo Augusto dos Santos, a Liga Pró-Saneamento tinha entre suas principais propostas:

[...] a institucionalização do combate às endemias rurais por meio de uma política sanitária nacional exercida de maneira centralizada pelo governo da União. As endemias rurais haviam sido consideradas por médicos, administradores da saúde pública e intelectuais como Carlos Chagas e Monteiro Lobato, os principais obstáculos ao progresso social das populações sertanejas do Brasil. Durante seus dois anos de atividade, a Liga publicou a revista Saúde, um periódico, que, apesar de não haver ultrapassado oito números, é uma excelente fonte para estudar as idéias do saneamento rural. Ao lado de textos sobre os mais variados assuntos, Saúde veiculava artigos sobre as endemias rurais e os temas caros ao saneamento. A Liga estabeleceu delegações em alguns estados da federação, visando estimular os governos estaduais a implementarem a construção de habitações higiênicas, a profilaxia de doenças, programas de educação higiênica, postos médicos rurais e obras de saneamento básico como a dragagem dos rios e lagoas. O estatuto da Liga reservava atenção especial à propaganda e educação dos ensinamentos higiênicos. A Liga deveria propagar pelos livros, jornais,



revistas, folhetos e conferências os ensinamentos da higiene, considerada a alavanca poderosa de todo o progresso. Além disso, caberia promover o ensino da higiene em todas as escolas primárias, profissionais, públicas e particulares, superiores, civis e militares, religiosas, nas fábricas, fazendas e quartéis. Deveria, ainda, apoiar os poderes públicos nas medidas de caráter higiênico, auxiliando-os pela propaganda no lar e na escola. Além de estabelecer cursos de higiene, profilaxia e tratamento das moléstias endêmicas do Brasil, para difundir o saneamento. (Santos, 2008, p. 111-112)

Relacionando essa discussão à educação rural, observamos que a Liga Pró-Saneamento tinha como uma de suas metas promover o ensino da higiene em diversas instâncias educacionais, desde escolas primárias até instituições superiores, civis, militares, religiosas, fábricas, fazendas e quartéis. Isso reflete uma abordagem diversificada, que visava disseminar práticas higiênicas em diferentes contextos, evidenciando a crença de que a educação sanitária desempenharia um papel crucial na transformação das condições de vida nas áreas rurais do Brasil.

Seguindo essa perspectiva, Belisário Penna colabora na Revista de Educação e Saúde (N.º 23/24 – fevereiro e março – 1946), sua manchete é intitulada como “Rumo ao Campo” e relata que “Urge adotarmos a política agro sanitária, colonizadora e educadora, visando dar personalidade aos patricios sem rumo na vida, amontoados nas favelas das cidades escravizados nos latifúndios. (Penna, 1946, p. 12). Belisário destaca a urgência e a necessidade imediata de adotar uma política que englobe aspectos agrários, sanitários e educacionais.

Ademais, a proposta tem como objetivo dar identidade e orientação à população marginalizada do Brasil, representada como "patricios sem rumo na vida". Entendemos o cenário sanitarista, no qual os médicos defendiam o saneamento e a higienização para evitar doenças e promover uma aparência mais saudável nas cidades, ideias associadas ao projeto de urbanização nas capitais do país.

Nesse contexto, a Revista de Educação e Saúde (N.º 29/30 – agosto e setembro – 1946) destaca uma manchete escrita pelo Professor Agnelo A., intitulada "Outra Mudança", aborda a construção de uma nova cidade no interior do país, projetada para ser o futuro distrito federal e sede do governo da República. A revista enfatiza a relevância estratégica da futura capital no Planalto goiano, apontando para um período



de modernização em todo o Brasil, é importante ressaltar que Goiânia foi inaugurada no ano de 1942. As ideias defendidas pelos médicos sanitaristas fundamentaram a aplicação dessa perspectiva no interior, com o intuito de libertar os habitantes, especialmente o homem do campo, de condições precárias e desfavoráveis à saúde. Em sintonia com essas questões, Luiz Antônio de Castro Santos, em sua obra "Poder, ideologias e saúde no Brasil da Primeira República", destaca que o país testemunhava:

[...] um processo de interiorização dos serviços de saúde, que tem por lastro uma efetiva participação do Estado na formulação de ideologias e políticas de salvação nacional por meio da educação e da saúde pública. [...] A ação dos poderes constituídos e o alcance das ideologias de saneamento, naquele tempo, estendia-se para além dos maiores portos nacionais, e isso revela os primeiros contornos de ideologias e ações civilizatórias que têm como alvos as populações rurais do país. (Santos, 2004, p. 251 e 252).

Luiz Santos (2008), menciona em seu ensaio que o Serviço Sanitário começou a se institucionalizar nos anos 20, graças às atividades de profilaxia rural, apoiadas pelo governo federal e pela Fundação Rockefeller². Na perspectiva do autor, durante os anos 20, houve uma efetiva expansão da administração federal em todo o Nordeste, com destaque para a área da saúde e o Serviço de Profilaxia Rural. Santos (2008), complementa que em Pernambuco, seguindo essa tendência, foram realizadas campanhas sanitárias no interior e também obras de saneamento básico em várias sedes de municípios. Essas ações visavam melhorar as condições de saúde e saneamento nas áreas rurais e urbanas.

A profilaxia rural, mencionada pelo autor, refere-se à parte da medicina que estabelece medidas preventivas para preservar a saúde da população. Envolve a utilização de procedimentos e recursos para prevenir e evitar doenças, como medidas de higiene, atividades físicas, cuidado com a alimentação, vacinação, entre outros aspectos.

Monteiro Lobato continuou a contribuir para o jornal O Estado de São Paulo, abordando a necessidade de uma política de saúde, especialmente para o homem do

² A Fundação Rockefeller, criada em 1913 nos Estados Unidos, tem como propósito impulsionar a saúde pública, educação, pesquisa e filantropia em escala global. (Kobayahy, Faria e Costa, 2009).



campo. Para além da ficção, Lobato argumentava sobre a importância de combater doenças como amarelão, doença de Chagas, malária e leishmaniose, que prejudicavam o desenvolvimento do país.

Neste cenário, Monteiro Lobato inseriu-se em debates nacionais, tocando em temas como política, raça e a consolidação da identidade nacional brasileira. O livro "Problema Vital" recebeu apoio da Liga Pró-Saneamento do Brasil e da Sociedade Eugênica de São Paulo, esta última fundada em 1918. A eugenia, vista como uma ferramenta para resolver contradições relacionadas à saúde e ao sanitarismo, ganhou destaque, alinhando-se com as medidas higienistas e a busca pela consolidação da identidade da população brasileira.

Além disso, Marcos Virgílio da Silva (2013), em sua obra "A Eugenia e o Ideário Antiurbano no Brasil", disposta no livro "Eugenia e História: Ciência, Educação e Regionalidades", aborda o tema do Ruralismo Eugênico. Silva (2013) destaca críticas relacionadas ao abandono do campo e à negligência das populações sertanejas, no qual o debate central gira em torno da vocação agrícola do Brasil, direcionando a atenção para o meio rural. O autor também aponta que o Eugênismo brasileiro está estreitamente ligado a essa tendência ruralista. Mais do que isso, as melhorias no campo e a regeneração da raça visavam principalmente aumentar a produtividade dos trabalhadores rurais, não se concentrando necessariamente na forma como as propriedades agrárias estariam distribuídas ou organizadas.

No debate sobre o ruralismo eugênico, podemos entender como a ruralização do ensino foi moldada pelos debates apresentados nas Revistas de Educação e Saúde do ano de 1946. No artigo de Amália Hermano Teixeira (Nº. 23/24 – fevereiro e março – 1946), intitulado "O PROBLEMA DO ENSINO AO NORTE DO ESTADO", a autora descreve a situação educacional no norte de Goiás. Ela destaca que havia apenas uma escola de formação de professores para o ensino primário na região, situada em Porto Nacional e administrada pelas Irmãs Dominicanas. No entanto, muitas jovens enfrentavam dificuldades para receber instrução devido às grandes distâncias entre os municípios locais.



Teixeira (1946), expressa sua preocupação com a falta de acesso à educação, considerando lamentável, especialmente porque os habitantes locais têm um forte interesse pelo estudo e conseguem aplicar bem o que aprendem. Apesar de o norte ter um número proporcional de escolas em comparação com o centro e sul do estado, as estatísticas educacionais revelavam resultados preocupantes.

A autora destaca que os professores na região enfrentavam desafios significativos, incluindo a carência de orientação pedagógica e a completa ausência de materiais de ensino, incluindo impressos essenciais para o trabalho escolar. Além disso, ela observa que os Inspectores Escolares são os próprios prefeitos, muitas vezes com conhecimento limitado sobre normas pedagógicas. Na sequência, Amália argumenta que o Governo do Estado deve e pode:

[...] dentro de verba destinada no ensino, despender o necessário para bem escolher e remunerar um corpo de professores preparados, inteligentes, evoluídos, de espírito prático e ânimo levantado o bastante para enfrentar a dura realidade do norte de Goiás. Cuidar da formação do espírito, do desenvolvimento do intelecto, da saúde das crianças e jovens, eis o tríplice dever do mestre, Ser mestre, amiga e enfermeira ao mesmo tempo. A construção de prédio próprio, obedecendo às normas higiênicas e pedagógicas, merece tanta atenção quanto os demais tópicos aqui desenvolvidos. Nada de casas, adaptadas, de salinhas asfixiantes, de carteiras amontoadas, de salas de aula onde a professora não pode se mover e, o que é pior, onde as crianças respiram ar viciado. Que sejam dadas às crianças e jovens recreação, brinquedos, exercícios, jogos. Que as instituições complementares da Escola sejam criadas para maior eficiência do ensino, clubes agrícolas, círculos de pais e professores, pelotão de saúde, jornais, cooperativas, bibliotecas e museus, clubes de leitura etc. (letra "h" do art. 25 da Lei Orgânica do Ensino Primário). Que a inteligência, a boa vontade e elevado sentido patriótico, da gente norte goiana mereçam do Governo do Estado a prestação inadiável e pronta assistência médico-educacional eficiente, intensiva e extensiva. Então, uma nova era será iniciada para os nortenses (Teixeira, 1946, p. 23 e 24)

A autora defende que cuidar da formação do espírito, do desenvolvimento intelectual e da saúde das crianças e jovens é um dever triplo do mestre, que deve desempenhar simultaneamente os papéis de educador, amigo e enfermeiro. A construção de prédios escolares próprios, em conformidade com normas higiênicas e pedagógicas, é destacada como fundamental, rejeitando soluções improvisadas que



prejudicam o ambiente de aprendizado.

Além disso, Teixeira propõe a implementação de espaços de recreação, fornecimento de brinquedos, realização de exercícios e jogos para as crianças e jovens. Ela aborda a criação de instituições complementares, como clubes agrícolas, círculos de pais e professores, pelotão de saúde, jornais, cooperativas, bibliotecas e museus, como formas de enriquecer e fortalecer o ambiente educacional.

A redação destaca, na manchete, “Fatos e Iniciativas. Ensino Rural” (Nº. 27/28 – Junho e Julho – 1946), um comunicado da Inspetoria Geral do Ensino do 2º Grau, do Departamento de Educação. O comunicado informa que o Estado em breve ampliará sua rede de escolas primárias, construindo mais de 74 prédios escolares destinados ao ensino rural. Nesse contexto, o Professor Souza Campos, agora à frente do Ministério de Educação e Saúde, está implementando o Convênio Nacional do Ensino Primário. O objetivo principal é impulsionar o desenvolvimento da rede de ensino primário rural, visando reduzir o considerável déficit de mais de dois milhões de matrículas escolares em todo o país.

Em consenso, Vicente Umbelino de Souza disserta acerca da “Educação Rural” (Nº. 27/28 – junho e julho – 1946), a reportagem do Inspetor Federal de Ensino Secundário aborda a necessidade de focar na educação voltada para a agricultura em Goiás. Ele destaca que a região depende principalmente da agricultura e pecuária e sugere a criação de escolas de veterinária e agricultura para atender às demandas locais, proporcionando formação adequada para trabalhar na lavoura e melhorar o transporte de produtos. No texto "As Representações do Mal: As Imagens da Doença e da Degeneração Racial nos Livros Didáticos (1920 e 1930)" de Beatriz Lopes Porto Verzolla, presente no livro "Eugenia e História: Ciência, Educação e Regionalidades", é discutido o estudo de Mota (2010) que aborda a atuação do Grupo Escolar Rural do Butantan. Esta escola se destacou na década de 1930, um período em que a infância era alvo de atenção governamental.

O Grupo Escolar Rural do Butantan se diferenciava por seu projeto pedagógico, centrado em temas rurais. O estudo relata que essa escola era uma das poucas no país



com uma abordagem pedagógica essencialmente voltada para questões do meio rural. Seu objetivo era formar cidadãos com uma formação considerada "eugenicamente bem formatada", utilizando a educação sanitária como base, dentro de um projeto político direcionado às questões específicas do ambiente rural. (Verzolla, 2013).

Vicente (1946), argumenta que, embora escolas de Farmácia e Odontologia sejam úteis, as escolas rurais de agricultura e pecuária são essenciais. Ele propõe um modelo semelhante ao americano, onde escolas de alfabetização coexistem com escolas básicas de agronomia e veterinária. O autor também destaca a importância de ensinar as pessoas a amarem o ambiente em que vivem e explorarem os recursos disponíveis com eficiência. Ele enfatiza a necessidade urgente de criar escolas de alfabetização ao lado das escolas elementares de agricultura para abordar o desafio fundamental do Brasil: fixar as pessoas ao solo. Souza complementa que:

Se ensinarmos o nosso homem do campo a produzir, a usar conscientemente os instrumentos e máquinas agrícolas, se lhe dermos máquinas, se lhe ensinarem a viver da melhor maneira a sua vida, havemos de ver de que é capaz essa pobre e ignorante gente do interior brasileiro. Aí a razão porque junto de Faculdades de Direito, de Farmácia, de Odontologia, se tornam imprescindíveis Escolas de Veterinária e Agronomia como curso superior e como básico, escolas elementares de agricultura disseminadas por todo Estado. Longe de qualquer pessimismo, baseados mais na realidade dos fatos, podemos afirmar que Goiás viverá longos anos ainda entregue a criação de gado e à plantação de cereais, antes que se rasgue para o Estado a era da Indústria. Por que não desenvolvermos então a pecuária e a lavoura e mesmo a indústria de laticínios, a de carne e derivado que já estão ao nosso alcance e já em nosso caminho? As escolas rurais de alfabetização, as escolas rurais de agronomia elementar são caminho excelente para o início da obra de que mais necessita nosso pobre Estado e são por outro lado, meio certo para roubar da miséria, da doença e à preguiça o nosso infeliz camponês, que, afinal, pode viver dentro do seu próprio ambiente, uma vida bem melhor. (Souza, 1946, p. 8).

Inicialmente, propostas de ensino voltadas para a industrialização, modernização e urbanização no meio rural foram aplicadas, mas começaram a ser alvo de críticas. Surgiu a compreensão de que as escolas rurais precisavam ter currículos adaptados à sua realidade específica. Além disso, os professores deveriam ser capacitados para instruir os alunos do campo em práticas sanitárias e agrícolas. A premissa fundamental era reverter e eliminar o estigma associado a doença, preguiça e letargia, buscando uma



abordagem mais prática e alinhada às necessidades reais das comunidades rurais. Sobre “A Ruralização do Ensino” (N.º 29/30 – agosto e setembro – 1946), a Professora Floraci Artiaga Mendes destaca que o:

[...] preparo do homem para vida de campo não pode seguir a mesma orientação da escola urbana; necessita de métodos especiais, organização própria e, principalmente, de professores com formação técnico rural feita em estabelecimentos de ensino normal rural. O professor urbano formado em escolas normais, não está preparado para o exercício do magistério rural, pois as noções é indispensável das atividades agrícolas que teria de dar nas escolas do campo, não constam do programa do curso normal comum. (Mendes, 1946, p. 25)

De acordo com o destaque feito por Mota (2010) em seu estudo "Higienizando a raça pelas mãos da educação ruralista: o caso do Grupo Escolar Rural do Butantan em 1930", André relata que Sud Mennucci³ (1935) observa que o maior desafio do ensino rural residia, de fato, na falta de conhecimento por parte do professor acerca do universo rural. Isso se devia ao fato de que sua formação urbana e objetivos profissionais o afastavam de um programa específico a ser aplicado nesse contexto. Mennucci levanta os seguintes questionamentos:

Onde é que os professores iam aprender as cousas novas que o governo lhes estava a exigir? Sim, para ensinar nossas culturas, criação de animais úteis, conhecimento dos animais e vegetais nocivos, moléstias dos animais e vegetais, noções práticas de aboricultura, horticultura e jardinagem, é preciso saber agricultura geral e especial, zootecnia, veterinária. E, para ensinar utilmente um pouco – é axioma velho em pedagogia – é preciso saber muito. Onde iam os professores aprender essas novidades? Nas Escolas Normais Urbanas de onde tinham provindo, de nada disso se cuidara. Nas Normais Urbanas não só é proibido, mas motivo de ridículo falar em agricultura e em zootecnia. (Mennucci, 1935, p.39).

³ Sud Mennucci (1892-1948), professor, jornalista e crítico literário, foi um intelectual de expressivo destaque na sociedade de educação paulista. Formado como professor primário pela Escola Complementar de Piracicaba (1908) iniciou sua carreira como professor da zona rural no interior de São Paulo (1910-1920). Em seguida assumiu o cargo de Delegado de Ensino dos municípios de Campinas e Piracicaba (1921-1925). Entre 1925 a 1931, a convite de Júlio Mesquita Filho, trabalhou como redator chefe do Jornal O Estado de S. Paulo sendo responsável pela coluna diária Questões Pedagógicas. Durante a Era Vargas, assumiu a diretoria do Jornal a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e fundou o Centro do Professorado Paulista (CPP), os quais dirigiu durante dezessete anos com algumas interrupções (1933-1948). (Menezes, 2015, p.18).



A presença dessas pendências, aliada a outras limitações dessa abordagem, resultou na implementação hesitante do ensino ruralista como um amplo projeto estatal. Floraci Artiaga Mendes (1946) destaca que é essencial que os professores tenham um conjunto de conhecimentos específicos para o magistério rural. Isso implica realizar um curso especializado que os capacite a oferecer noções verdadeiramente relevantes para as necessidades do homem do campo. A função educativa do professor vai além do ambiente escolar, tornando-o um orientador esclarecido e competente. Ele deve estar sempre pronto a auxiliar fazendeiros, criadores e lavradores que o buscam, compartilhando conselhos técnicos relacionados a diversas modalidades de trabalho. Esse papel mais amplo destaca a importância do professor rural como um recurso valioso para a comunidade agrícola em geral. Para a autora o professor desempenharia um papel eficaz como:

[...] colaborador do Serviço de Saúde Pública do Estado, contribuindo para a educação sanitária e a formação da consciência eugênica do homem do campo. Deverá não só conhecer métodos de agricultura modernos e racionais, cruzamento de raças e espécies animais e vegetais, criação de aves e animais domésticos abelhas o bicho da seda como ter noções práticas de economia doméstica, bem como de cerâmica e carpintaria que ajudem o homem do campo a melhorar o seu lar. Terá de conhecer épocas de colheitas, sementeiras, podas das plantas, assim como o emprêgo de adubos científicos, para dar orientação segura aos que dela precisam. (Mendes, 1946, p.24).

A expressão "consciência eugênica do homem do campo" refere-se à promoção de uma consciência relacionada à eugenia entre as pessoas que vivem em áreas rurais. No contexto da educação rural, a conscientização eugênica do homem do campo pode envolver a disseminação de conhecimentos sobre genética, saúde reprodutiva e cuidados higiênicos. Pode também se referir a esforços para melhorar a qualidade de vida e as condições de saúde nas comunidades rurais, visando o físico e mental das gerações futuras. Nesse sentido, Octavio Domingues:

[...] considerou que a educação para a consciência eugênica era necessária para a efetivação de um processo civilizatório inconcluso. Eugenizar significava, sobretudo, viabilizar a construção de uma civilização tropical mediada pelo progresso científico. Paradoxalmente, o professor



defendeu a melhoria nas condições de ensino e pesquisa no país, uma vez que compreendia o ensino das bases da hereditariedade, fundamentada na genética mendeliana, um dos eixos norteadores da campanha eugênica. Este estudo considera, portanto, que a dialética da educação eugênica reside neste ponto: ao defender a formação da consciência eugênica, Domingues defendeu a melhoria na educação básica e superior no Brasil. Modernizar o ensino básico e superior e elevar o nível intelectual da população significava criar as condições necessárias para que a eugenia se disseminasse no país e superasse os obstáculos impostos, seja a resistência no campo intelectual ou religioso, seja a falta de fundamentos no tocante às suas bases científicas. (Roitberg & Gomes, 2023, p. 19).

Portanto, Floraci destaca que a formação agrícola é essencial para o professor rural, pois sem ela, ele perderia parte de sua superioridade e prestígio sobre o homem do campo. Além disso, ressalta que o trabalho na educação demanda um verdadeiro interesse por aquilo que o professor ensina. Por isso, argumenta que um normalista da cidade não seria um bom professor rural, pois estaria constantemente entediado com a vida no campo, ansioso para retornar à cidade.

Floraci também enfatizou que o Brasil necessitava de professores rurais e, especialmente, Goiás, uma vez que as atividades agropecuárias constituem a base de sua vida econômica. E que ao considerarmos a educação como "preparo para a vida" e a escola como o local que molda aspirações sociais e políticas, não existia razão para continuar nessa abordagem equivocada de alfabetizar sem considerar o contexto rural. Por fim a autora diz:

Trabalhemos pela ruralização do ensino no Estado de Goiás, pratiquemos pelo menos atividades agrícolas anexas aos estabelecimentos urbanos, abramos os olhos dos nossos pósteros esse Evangelho vivo da Natureza, esse potencial magnífico de possibilidades que lhes inspirar sonho miraculoso e incomensurável da conquista do Brasil pelos próprios brasileiros. (Mendes, 1946, p. 25).

Neste trecho, a autora destaca a importância de promover a ruralização do ensino no Estado de Goiás. Ao sugerir a prática de atividades agrícolas associadas aos estabelecimentos urbanos, ela propõe uma integração mais estreita entre a vida nas cidades e as práticas do campo. E que ao promover a ruralização do ensino, a autora almeja inspirar nas futuras gerações não apenas a conquista de conhecimento, mas



também o domínio e o desenvolvimento do Brasil pelos próprios cidadãos do país.

“O Discurso de Paraninfo” proferido pela Professora Floraci Artiaga Mendes na colação de grau das professoras de 1945 da Escola Normal Hermenegildo de Moraes, de Morrinhos, a autora expressa que no Brasil, todos os problemas estão interligados em torno da questão educacional, comparando-os a um fecho de fios metálicos em volta de um ímã. Ela destaca que “educar, sanear, colonizar, povoar, fomentar a produção, abrir estradas, facilitar os transportes e escoamento de produtos são elos inseparáveis, todos resumem o problema educacional” (Mendes, 1946, p. 49).

A solução para esse problema, não é simplesmente criar escolas, organizar programas, nem ao menos alfabetizar, segundo ela, residiria em cultivar um sentimento nacionalista nos cidadãos brasileiros, promovendo o desenvolvimento da consciência de pátria, a compreensão dos deveres e direitos, a fé no trabalho e o compartilhamento de ideais em benefício do destino do país. (Mendes, 1946). Para resolução das adversidades educacionais Floraci Artiaga destaca que é preciso:

É dar às mães e futuras mães brasileiras a consciência do seu papel de guardião do patrimônio Eugênico Nacional e lhes abrir o evangélico da puericultura e da higiene infantil, de que floriram as maravilhosas sementeiras primaveris de gerações primorosas na futura raça brasileira redimida.

É dar a criança brasileira, com a noção do seus direitos e deveres, a mística da nacionalidade, que a torna o sacrário das nossas convicções democráticas e acenda o seu coraçãozinho puro a chama sagrada do sentimento de pátria, através do amor a história, as tradições, a família, a religião, a língua, aos usos e costumes, as lindas, a música brasileira, ao folclore nacional, a tudo enfim que for Brasil, a tudo que significar culto e tradição desse mês aí querida e maravilhosa terra de Santa Cruz!

É dar ao homem do campo a valorização do trabalho e do ambiente rural, procurando radicá-lo cada vez mais ao meio, melhorando suas condições de vida, dando-lhe habitação higiênica e confortável, vida social rural, assistência médico social, educação rural enfim especializada não essa erradíssima e deseducativa educação rural alfabetizadora, que tem criado semiletrados da roça, desatados ao meio, atraídos pelos tentáculos de pouco das cidades. (Mendes, 1946, p. 50)

Ao observar o trecho acima podemos visualizar que a criança brasileira era vista como o objeto central das ações dos médicos e professores, estando submetida a um



regime de vigilância constante, sendo os cuidados iniciados antes da gestação. Isso sugere que as práticas de cuidado e vigilância eram aplicadas desde os estágios iniciais da vida, refletindo uma preocupação abrangente com o desenvolvimento e a saúde infantil, evidenciando uma atenção precoce e contínua ao bem-estar e à formação das crianças brasileiras.

Ademais “para a formação das “mães higiênicas”, eram recomendados conhecimentos de puericultura, que visavam à eliminação dos hábitos considerados irracionais e atrasados por meio da imposição de regras de conduta com base em noções científicas da época”. (Ribeiro, 1993; Rocha, 1995, apud Verzolla, 2013, p. 53). Nesse contexto:

[...] a Puericultura, como ramo da Higiene Geral, surgia como um instrumento utilizado para garantir a prevenção de doenças, o aprimoramento do regime alimentar e o cuidado pré-natal, desde as primeiras fases da vida infantil, contribuindo, dessa forma, para a preservação e aperfeiçoamento da raça. A Puericultura era considerada elemento fundamental para promover o ramo da eugenia positiva, baseada em ações higiênicas e educativas e tida como aliada na proteção do futuro da humanidade por meio das crianças (Mota, 2003; Mota & Schraiber, 2009 apud Verzolla, 2013, p. 53).

Além disso, Floraci Artiaga Mendes (1946), expressa a ideia de que a educação rural só atingirá seu potencial nacionalista quando abandonar as abordagens intelectualistas e tradicionais do momento. Em vez disso, propõe a adoção de um ideal que promova a integração do homem do campo ao seu ambiente, fornecendo-lhe noções modernas de agricultura e pecuária, além de um ensino técnico profissional agrícola.

A professora também destaca a importância de iniciativas que estimulem a vida social e proporcionem entretenimento no ambiente rural, como agremiações sociais e esportivas. Além disso, sugere a implementação de recursos como imprensa, bibliotecas especializadas e clubes de classe, visando aproveitar o instinto comunitário do homem do campo e direcionar esse estímulo social para o trabalho e para a vida.

O processo educacional inevitavelmente ampliava sua atuação, estabelecendo conexões com as relações de trabalho, a estrutura familiar (mães e crianças), tanto na infância quanto no aperfeiçoamento da raça. Todos esses aspectos visavam controlar a



degeneração do homem rural, ao mesmo tempo em que estimulavam a produtividade do sertanejo.

Percebe-se ainda a busca da “regeneração da raça” como tentativa de aumentar a produtividade do trabalhador, especialmente rural. Belisário Penna, por exemplo, defende uma política voltada para o interior, baseada na mão de obra já disponível, como a forma de engrandecer o país. O combate à “degeneração” provocada pela doença e pelo alcoolismo permitiria ao brasileiro uma produtividade comparável à de qualquer outro país do mundo. Nesse sentido, a intervenção sanitária é colocada como uma solução em função da impossibilidade de poder contar com trabalhadores estrangeiros e, ao mesmo tempo, contribuiria para tornar o país atrativo aos imigrantes de fato desejáveis – os brancos europeus (Penna, 1918 apud Silva, 2013, p. 123).

Portanto, a educação rural no estado de Goiás estava fundamentada no discurso eugênico, que tinha como objetivo a construção de uma população no Brasil, a resolução das contradições relacionadas à saúde e ao sanitarismo, e, principalmente, a formação de uma classe trabalhadora que atendesse aos interesses das elites brasileiras.

Podemos observar a presença de uma lógica civilizadora que enfatiza a higiene corporal, retratando o homem do campo como doente, preguiçoso e pobre. Inicialmente, a perspectiva urbana enquadrava o ambiente rural nesse padrão social. No entanto, quando consideramos o aspecto econômico em um país agrícola, essa dinâmica se inverte, transformando o meio rural em uma região desenvolvida. O sertanejo passa a ser considerado sujeito a ser revitalizado por meio da educação, com o objetivo de impulsionar a modernização e produção agrícola do país. Nesse enquadramento, ocorre uma associação simultânea entre o homem da cidade e o meio urbano, sendo considerados como atrasados e improdutivos. Dentro dessa lógica, destaca-se que a abordagem educacional urbana não deveria ser simplesmente replicada para o homem do campo, ao contrário, deveria ser adaptada para atender às características específicas do meio agrário.

Finalmente, os vícios no meio rural, como chagas, varíola e amarelão, evidenciam a falta de consciência sanitária. O Ruralismo Eugênico em Goiás surge como resposta para conter esses problemas e estimular a produção rural. Em resumo, observa-se uma dualidade em que o campo lidera economicamente, enquanto o urbano é



associado à perspectiva "higienizante". De fato, em uma abordagem mais simplificada, podemos dizer que enquanto um grupo se dedica a higienizar o corpo, o outro fornece suporte para o crescimento econômico do país. Este discurso evidencia a formação de uma identidade agrícola mais robusta. A dinâmica destacada ilustra como diversos setores da sociedade desempenhavam papéis complementares no sentido de promover o discurso eugênico pelas comunidades do interior e rurais, seja por meio do cuidado sanitário, pela educação, ou contribuição e desenvolvimento econômico.

Considerações Finais

A investigação sobre a interação entre elementos rurais, higiene sertaneja e educação no contexto goiano revela a complexidade das inter-relações entre eugenia, modernidade e formação educacional rural. As edições da Revista de Educação e Saúde de 1946 ilustram como esses temas foram debatidos e implementados em Goiás, refletindo a influência das ideias eugênicas na construção de um projeto educacional voltado para o homem do campo.

A representação do sertanejo, frequentemente associada à imagem de Jeca Tatu, destaca o estereótipo de um homem rural passivo e doente, reforçando a necessidade de intervenções sanitárias e educacionais. Este retrato, perpetuado por figuras como Monteiro Lobato e referenciado em discursos políticos, contribuiu para a formação de políticas públicas que visavam transformar o sertanejo em um cidadão saudável e produtivo.

A importância da saúde e da higiene, conforme destacado pelos médicos sanitaristas da época, como Belisário Penna, foi central para a promoção de um projeto nacional-reformista. A Liga Pró-Saneamento e outros esforços de profilaxia rural evidenciam a tentativa de interiorizar serviços de saúde e educação, visando não apenas o bem-estar das populações rurais, mas também o progresso econômico do país.

O debate sobre a ruralização do ensino, presente nas Revistas de Educação e Saúde, revela as dificuldades enfrentadas pela educação rural, como a falta de acesso a escolas e materiais pedagógicos. A necessidade de políticas educacionais que atendam



às especificidades do campo é ressaltada como crucial para a melhoria das condições de vida e a integração dos sertanejos ao projeto de modernidade.

O estudo dessas interações demonstra que a educação e a saúde foram vistas como pilares fundamentais para a modernização de Goiás. A transformação do homem sertanejo através da educação e da higiene representa um esforço para superar o estereótipo de atraso e contribuir para o desenvolvimento nacional. A análise das edições de 1946 da Revista de Educação e Saúde mostra como essas ideias foram difundidas e discutidas, evidenciando a complexa relação entre eugenia, modernidade e educação no contexto goiano.

FONTES

REVISTA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE. Goiânia: Imprensa Oficial, ano 12, n. 23/24, fev./mar. 1946.

REVISTA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE. Goiânia: Imprensa Oficial, ano 14, n. 27/28, jun./jul. 1946.

REVISTA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE. Goiânia: Imprensa Oficial, ano 14, n. 29/30, ago./set. 1946.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Rui. **A questão Social e Política no Brasil**. Em 20 de março de 1919.

CARVALHO, Leonardo Dallacqua. **O saneador do Brasil: Saúde Pública, política e Integralismo na trajetória de Belisário Penna (1868-1939)**. Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde. Rio de Janeiro, 2019.

CARVALHO, Leonardo Dallacqua. **Por uma “consciência sanitária” revolucionária: a participação do médico Belisário Penna em outubro de 1930**. Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 22, n. 48, p. 875-896, set./dez. 2021

CARVALHO, Leonardo Dallacqua; SOUZA, Vanderlei Sebastião. **Continuidades e rupturas na história da eugenia: uma análise a partir das publicações de Renato Kehl no Pós-Segunda Guerra Mundial**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 887-910, jul./set. 2017. 107



KOBAYASHI, Elisabete; FARIA, Lina; e COSTA, Maria Conceição da. **Eugenia e Fundação Rockefeller no Brasil: a saúde como proposta de regeneração nacional.** In: Sociologias. Porto Alegre: ano 11, n. 22, jul./ dez. 2009, p. 314-351.

LOBATO, Monteiro. **Jeca Tatuzinho.** 1924, Conteúdo exportado da Wikisource em 22 de julho de 2021.

LOBATO, Monteiro. **Jeca Tatuzinho.** In: CARRASCOZA, João Anzanello. Razão e publicidade no texto publicitário. São Paulo: Futura, 2004, pp. 323-31.

LUCA, Tania Regina. **A revista do Brasil (1916-1925) na História da Imprensa.** Travessia revista de literatura – n.32. UFSC – Ilha de Santa Catarina, jan.-jul. 1996; p 94-123.

MARINHO, Maria Gabriela; MOTA, André. **Eugenia e História: Ciência, Educação e Regionalidades.** Vol. IV. Coleção Medicina, Saúde & História, São Paulo, 2013.

MENNUCCI, S. **Pelo sentido ruralista da civilização: subsídios para a história do ensino rural no estado de São Paulo (1892-1935).** Rev. Tribunaes, n.7, p.43-56, 1935.

MOTA, André. **Higienizando a raça pelas mãos da educação ruralista: o caso do Grupo Escolar Rural do Butantan em 1930.** COMUNICAÇÃO SAÚDE EDUCAÇÃO. v.14, n.32, p.9-22, jan./mar. 2010.

PAULA, Ana Beatriz Rodrigues de. **Educação sanitária, discurso eugênico e material de divulgação em saúde no âmbito estadual paulista.** São Paulo, 2020.

PAULA, Eder Mendes. **Os Sons do Silêncio: O louco e a loucura em Goiás.** Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, ano 2011.

ROITBERG, Guilherme Prado; GOMES, Luiz Roberto. Educação, Hereditariedade e Eugenia: o projeto educacional de Octavio Domingues (1926-1932). Revista Brasileira de História da Educação, v. 23, 2023.

SANTOS, Ekristayne Medeiros de Lima. **A circulação do ideário escolanovista no Estado de Goiás: A revista de Educação (1937-1962).** Araraquara – São Paulo, 2013.

SANTOS, Ekristayne Medeiros de Lima. **A revista de Educação do Estado de Goiás: Primeira Fase (1937-1944).** Florianópolis: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015.



SANTOS, LAC. **Poder, ideologias e saúde no Brasil da Primeira República: ensaio de sociologia histórica.** In: HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde collection, pp. 249-293. ISBN 978-85-7541-311-1.

SANTOS, Ricardo Augusto. **Pau que nasce torto, nunca se endireita! E quem é bom, já nasce feito? Esterilização, Saneamento e Educação: uma leitura do Eugenismo em Renato Kehl (1917-1937).** Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro, 2008.

SANTOS, Vanessa Cruz et all. **Eugenia vinculada a aspectos bioéticos: Uma revisão integrativa.** Saúde Debate - Rio de Janeiro, v. 38, 2014.

SILVA, Daniela Teles. **Eugenia, saúde e trabalho durante a Era Vargas.** Em tempo de Histórias, Nº. 33, Brasília, Ago – Dez 2018.

SILVA, Marcos Vergílio. **A eugenia e o ideário antiurbano no Brasil.** In: MARINHO, Maria Gabriela; MOTA, André. Eugenia e História: Ciência, Educação e Regionalidades. Vol. IV. Coleção Medicina, Saúde & História, São Paulo, 2013.

SILVA, Morena Dolores Patriota; MOURA, Simone Moreira. **Eugenia e sua influência na posição social do deficiente na contemporaneidade.** Comunicações. Piracicaba, Ano 19, n. 2, p. 33-43. 2012.

SILVA, Mozart Linhares da. **Biopolítica, educação e eugenia no Brasil (1911-1945).** UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul. Departamento de História e Geografia, Santa Cruz Do Sul, RS, Brasil. 96815-900, 2013.

VERZOLLA, Beatriz Lopes Porto. **As Representações do Mal: As Imagens da Doença e da Degeneração Racial nos Livros Didáticos (1920 e 1930).** In: MARINHO, Maria Gabriela; MOTA, André. Eugenia e História: Ciência, Educação e Regionalidades. Vol. IV. Coleção Medicina, Saúde & História, São Paulo, 2013.